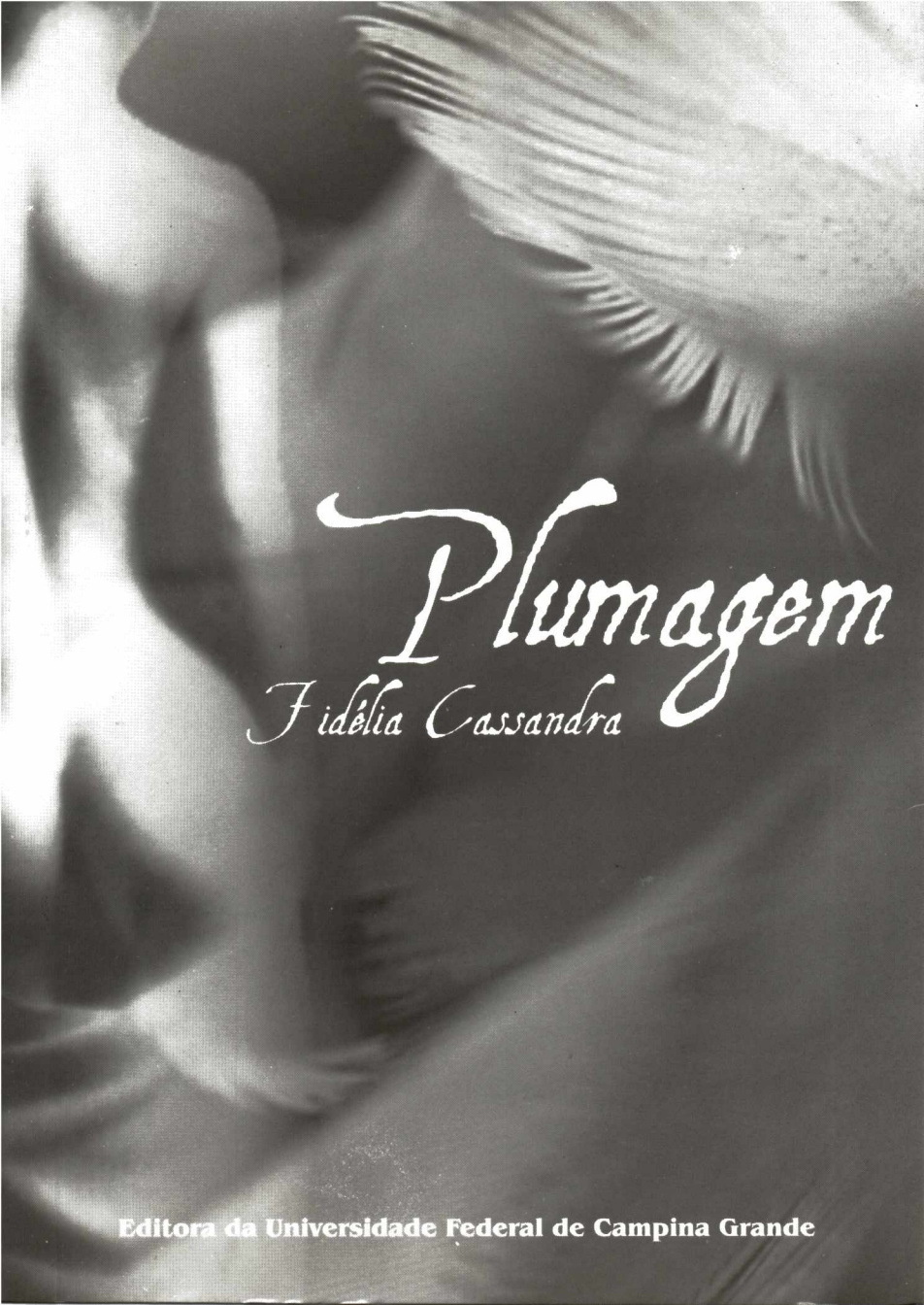

Plumagem
Fidélia Cassandra
Editora da Universidade Federal de Campina Grande

"Eu preciso ler essa Plumagem mais de perto... Sentir seus odores, seus pêlos eriçando..."

Pedro Osmar (Cantor e compositor)



"Fidélia Cassandra conhece toda a força e toda delicadeza da palavra poética."

Belchior (Cantor e Compositor)



"Suas imagens poéticas são fortes e elas falam de uma mulher/tempestade desprendendo raios. Relâmpagos cortam o céu, deixando riscos de amor no céu. Ou nas almas."

Adhemar Dantas (médico e dramaturgo)



"Acordar num domingo e dar de cara com o sol da sua poesia é um presente!"

Renan Barbosa (médico e cantor)

"Minha poeta, parabéns pela nova safra de poemas de um lirismo vigoroso."

Antônio Mariano (Poeta)



"Fico feliz por ti, minha amiga. Os altos e baixos da vida não conseguiram calar tua criança interior, nem como diria Hildeberto: 'adulterar-te'. Tua poesia está cada vez mais madura."

Valécio Irineu (Prof. Literatura e poeta)



"O amor, em qualquer circunstância, sempre será de SALVAÇÃO, mais ainda quando expresso numa página de simplicidade como essa, mas de grandeza indizível."

Carlos Herriot (Prof. de Literatura)

EDUFCG



Com tamanho estímulo, com tantas lições de "como sonhar", com tão rica Plumagem e com o poder de ver, sentir e acreditar na magia de fazer "meias sujas" oloradas de amor; programar carinhos e cuidados no "banho da noite"; "leite antes de deitar"; "amor inédito antes de dormir" e saber "esconder coxas entre coxas" de forma estética e confessar deixar para amanhã o parir de um outro poema, faz a gente, pelo menos eu, parar tudo e escrever alguma coisa,ou talvez sonhar com um poema também. Gratidão em forma de beijos.

Wilson Maux (jornalista, radialista e diretor teatral)

ISBN 978-85-89674-79-9

9 788589 674799

EDUFCG

Editora da Universidade Federal de Campina Grande

Gráfica Universitária UEPB

Fidélia Cassandra

Plumagem

1° edição

EDUFCG

Editora da Universidade Federal de Campina Grande
Campina Grande
2008

ISBN é 978-85-89674-79-9

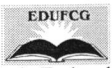
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Central da UFCG

C271p
CASSANDRA, Fidélia.
Plumagem / Fidélia Cassandra. – Campina Grande : EDUFCG, 2008.
141 p.

ISBN 978-85-89674-79-9

1. Literatura. 2. Literatura Brasileira. 3. Poesias Brasileiras. I. Título.

CDU - 82(81)



Editora da Universidade Federal de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Reitor
Thompson Fernandes Mariz

Vice-Reitor
José Edilson Amorim

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG

Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza
Diretor Administrativo

Prof. Benedito Antonio Luciano – CEEI
Prof. Carlos Alberto Vieira de Azevedo – CTRN
Profª Consuelo Padilha Vilar - CCBS
Profª. Edjane E. Dias da Silva – CCJS (Sousa)
Prof. José Helder Pinheiro – CH
Prof. José Wanderley Alves de Sousa – CFP (Cajazeiras)
Prof. Onaldo Guedes Rodrigues - CSTR (Patos)

Teófilo Viana
Edição eletrônica e Capa

EDUFCG
Rua Aprigio Veloso, 882 - Bodocongó - Caixa Postal: 10024
Campina Grande - Paraíba, CEP 58109-970
http://www.ufcg.edu.br/~edufcg

As compotas da luxúria. Fidélia Cassandra, seu erotismo e suas frutas

Astier Basílio

Fidélia escreve como quem faz doces, compotas.

E os poemas são como os potes coloridos em que o sabor é adivinhado também pelos formatos e pelas cores das frutas desfeitas no açúcar e reinventados no desejo.

Fidélia oferece os cajus e a fruta se transforma em signos outros, torna-se um delicioso *"cardume dos amarelos"*.

Se o tema do amor, em seus desdobramentos como solidão, perda, desencontro, satisfação, predominam no livro, o estilo é pautado na simplicidade, com todo o risco que esta opção encerra.

Fidélia é da família dos simples, prima de Quintana, irmã de Cecília. Transita, cambiando entre o corriqueiro e o milagre. E para nossa felicidade, o milagre comparece em vários momentos. Um exemplo? Quando Fidélia escreve sobre Billie Holiday e diz: "Na tua voz, negra!/ Os gatos fazem amor"

Entre o simples e o sublime, Fidélia é flauta doce.

Sua poesia é canção que nos fulmina ao solfejar belezas dolorosas: *"Como são lindas as mulheres!/ Como perdoar a fotografia que as faz eternas/ Isadoras, Mata Haris, Briggites, Cardinalles"*.

Ela, a poeta, nos permite ainda sermos espectadores de seu strip-tease lírico : *"O meu púbis é um pássaro*

negro/ De escarlate esplendor./ Transparente amor, transparente/ Como a concha que guarda a dor".

Há ainda um toque de ludismo, um quê de circunstancial, escrito a partir do coloquialismo do dia dia. E um rir-se de si própria, como só os grandes espíritos conhecem.

É o que podemos ver no belo "Amor de Perdição": "Fiz-me feliz,/ E boba procurei pequenos milagres.../ Pequenos frutos doces e dilacerados.../ Pequenas gotas de orvalho/ Para não te perder/ E perdi". Ou ainda: "Sou uma mulher muito sem graça./ Nunca aprendi a andar de bicicleta./ Nunca aprendi a nadar ... // Não tenho olhos verdes,
Não tenho longas madeixas douradas,/ Nem a bunda grande".

Colorida. Sensual. Cromática. Erótica. Simples. Lúdica. Doce.

Assim é "Plumagem" de Fidélia Cassandra em cujo próprio nome já começa a música, já se instaura a poesia.

Astier Basílio é poeta, jornalista e dramaturgo.

"Pies para que los quiero si tengo alas pá volar"

Frida Khalo

Para Maria Betânia, minha mãe.
Para Pedro e Gustavo, poemas maiores.

Fugacidade

" Ó suprema fugacidade, ó suprema fugacidade!
Tudo é fugaz! Que proveito tira o homem de
todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?"
(Eclesiastes).

Trouxe-te cajus, meu amado,
Dulcíssimos, ensolarados.
Transformar-se-ão em caldo, polpa,
Tenra guloseima embebida em açúcar.

Trouxe-te cajus.
Tu os chuparás com avidez.
Deliciosamente definhados,
Hão de quedar, bagaços...

Trouxe-te cajus, meu senhor!
Vermelhos, boreais... pulsantes...
Tão cheirosos... embriagar-te-ão!!!
Trouxe-te, também, um cardume dos amarelos.

Trouxe-te cajus caudalosos para que os comas
Com volúpia, sagacidade, prazer infindo,

Qual o que tens em meus braços.
Trouxe-te cajus lavrados sob sol escaldante,
Trabalho extenuante e feliz de pés e mãos
Simples e obstinados...
Regados por chuva e salgado suor.

Trouxe-te cajus, meu carinho!
Compartilharemos carne e amêndoas
Sucos e aguardentes,
Até o último êxtase... até ao pó.

Anjo Torto

Sabia a mar
Sua pele de bronze
Refletia alegria.

Vinha de longe,
De uma pequenina e azulada
Ilha grega.
Fazia-se chamar Salvador.

Sabia amar
As curvas, as linhas, as formas
Ora invisíveis ora iluminadas por tênue luz
Ora tão visíveis e cruas.

O sorriso maroto,
As mãos rechonchudas -
Era meu e eu...
Nem sabia.

Luma

Corpo nu de mulher...
Densas savanas douradas,
Emaranhadas cabeleiras florestais.
Grutas carnais revelando inscrições
Indecifráveis.

Nua mulher...
Contornos de aveludada aurora
Do deserto.
Ardentes dunas,
Úmida côncha com pingos de areia.

A mulher nua...
Seios pontiagudos...
Plumas roçando os pêlos
De luma
Do homem nu.

Boquinha de Morango

Para Gustavo, meu filho.

Meu filho da boquinha de morango
Me faz tantas perguntas:
- Mamãe, abelha faz mel?
- Faz.
- E marimbondo?
- Felrroada ...

Delicadeza

Vem, amado!
Rege a partitura do meu corpo.
Dele sairá música
E em sua desembocadura
Águas límpidas e claras
Com odor de flores.

Bem, amado!
Vem com delicadeza...
A sutileza das águas das nascentes,
O mistério do orvalho sobre a relva...
A doçura,
A alegria de um riacho doce.

Minuto

Domingo de manhã.
Os filhos ainda dormem,
O silêncio invade a alma.
A mulher, na cozinha, corta
cebolas.
Nenhuma lágrima,
Só e só a acidez da vida
Cortando-lhe o peito!!!

Mulheres

Como são lindas as mulheres!
Como perdoar o tempo que as faz envelhecer
No virar de uma página?

Como são lindas as mulheres!
Como perdoar a poesia que as faz exaurir-se
Florbelas, Emilies, Cecílias, Adélias.

Como são lindas as mulheres!
Como perdoar a fotografia que as faz eternas
Isadoras, Mata Haris, Briggites, Cardinalles.

Como são lindas as mulheres!
Como perdoar o vento que a voz lhes cala
Maysas, Holidays, Elizeths, Callas

Como são lindas as mulheres!
Põem o vermelho do útero no batom!

Câmera Lenta

E chegaram os tempos difíceis.
A bestialidade das guerras.
A ganância, a cobiça, a maldade exagerada...
Vieram as pragas e pestes...
Todas as fomes e doenças.
Todas as belezas destorcidas...
Expuseram-se o cancro, o plasma, a hemorragia, a ferida...

Afloraram a vaidade, o orgulho, o rancor...
A busca da imortalidade, a luta contra o tempo...
O medo terrível da ruga, da flacidez, da estria.
Em câmera lenta desfila
A miséria humana.

Auto-retrato em pequenas pinceladas

Sou uma mulher muito sem graça.
Nunca aprendi a andar de bicicleta.
Nunca aprendi a nadar...

Não tenho olhos verdes,
Não tenho longas madeixas douradas,
Nem a bunda grande.

Não tenho mestrado nem doutorado....
Tenho quilos a mais
E um apetite voraz.

Só sei fazer três coisas :
Carinho,
Conversar com Deus
E escrever poemas.

Ahhh, ia esquecendo.
Sempre gosto de quem
Não gosta de mim...

Enchente

É no teu peito que me deito, depois de desaguar...
Fluidos, águas ardentes, calores, tremores.
Eu, a bela insone...inquieta...fugidia...
Não sei como conseguiste...

Agora, me fazes sonhar com a poesia luminosa dos varais.
Me ensinas, de uma forma não muito didática,
A ter paciência para catar os grãos da tarde
E assar os pães das manhãs de inverno.

Longas manhãs invernosas de solidão e ânsias...
O caudaloso rio de chuva corre rua abaixo...
E não vens... dormes...

A enchente invade meu corpo, e
O sangue é pouco para tanto desejo,
O coração pequeno para tanto amor.

Ostra Adversa

O mundo visto de fora:

As plantas respiram
Os homens fazem amor
As crianças crescem...

O mundo visto de dentro:

A ruína, o cancro, o câncer,
A bomba, a faca, a ferida...
A mancha negra no azul do teu olhar!

Do amarelo e suas nuanças

Apolo, meu amado!
Aonde vais? Tenho fome!
Dá-me uma fatia de girassol,
Doce delito escondido
Entre tuas pernas!

Apolo, sabes do meu penar
E do pranto que me escorre - derrame amargo -
De doce manga
Sobre teu ombro hercúleo...

Apolo, meu belo e triste amante.
Onde escondeste os raios de sol
Que te presenteei naquela aldeia,
Onde escondíamos nossos tesouros
De ouro e linho... pêssegos e gemas?

Apolo, ouve-me a voz cheia de desejos,
Vê meu olhar a penetrar o âmbar do teu olhar...
Sente minha mão apertar
O bronze de teu corpo.

Apolo, que farei nesses arrecifes,
Corais desenganados e pérolas esquecidas?
Que farei nessas serras plúmbeas e desérticas?
Antes me fora dada a terra seca e triste
Onde derramam-se umbus e cajás e siriguelas...

Apolo, meu amado,quantas léguas terei que penar?
Quantos outonos terei que chorar?
Quantos gritos terei que amordaçar?

Até que te voltes para mim
E me digas que tudo é findo
E nada da alegria que sonhamos
Pode ser resgatada desses
Cem anos de solidão!

O homem e seu violão I

Partiram o homem e seu violão
Para crudelíssima batalha.
Cruzada de morte, de desespero.
Quixotesca desgraça.

Partiram o homem e seu violão
Em dulcíssima saudade,
Navegando por mares quase mortos.

Partiram o homem e seu violão
Mudos, sem cor, sem alegria...
Tentando estancar o sangue das barragens.

Partiram o homem e seu violão
Abandonando o jardim suspenso e suas avencas,
Não entendendo as cismas da flor
Em seus momentos pequenos.

Partiram o homem e seu violão
Deixando um coração dilacerado,
Amaríssimo instrumento.

O homem e seu violão II

Partirão, mais uma vez, o homem e seu violão.
O amor que os alimentou,
Aquele amor desenhado na silhueta
Da alma
Será jogado no vácuo onde, ainda, cabem
A tristeza, a mão espalmada, o derradeiro
Afago.

O homem buscará o amor
No emaranhado da gramática interior,
Na teia da aranha,
Nos bordados de Penélope,
Nos acordes do alaúde, da cítara,
Do mudo violão.

O homem e seu violão...
Motivo de memorial, zelo,
Carinho.

Do homem e seu violão
Nada restará...
Minto, o silêncio
E o amargor do instrumento,
Esses ficarão!

Partiram o homem e seu violão...
Mil pedaços!

Belinha e Sinhá

Duas irmãzinhas:
Uma Belinha, torneadas pernas, riso maroto.
Outra Sinhá, sinhazinha, nome de andorinha!

Belinha do cabelo liso.
Doce de gergelim.
Sinhá bem moreninha,
Dentes de alfinim.

Duas irmãzinhas:
Uma no céu e outra na terra.
Porém, como diria Iessiênin,
Qualquer distância não é nada,
Só assinala um novo encontro pra depois.

Belinha, minha bela, minha belinha!
Sinhá, minha andorinha, meu passarinho do Cariri.
Duas abelhinhas, ribaçãs, suaves juritis.

Migração

Para Paulo Vanzolini.

Avoar,
Céus de poeira,
Infinitamente azuis.

Arribar,
Distâncias indomáveis,
Perpetuamente
Azuis.

Avoante, arribação, ribaçã!
É março, ainda não tarda abril...
Flutua a plumagem.

A arribação,
A avoante.
Dois nomes,
Um só destino:
A pedra.

Falaram que voar
É tão fácil...
Como avoar, planar,
Capturar nuvens.

A liberdade perdida
Na pétrea pedra do caçador.
A pétala – a pena – pena.
O pneumático sonho do vôo.

A rolinha – doidinha –
Arriba, avoa – em pânico –
O homem chegou... o céu ainda anil.
Na manhã, restos de plumas manchadas
De sangue.

Viajar

Viajar
Todas as estradas
Possíveis.

Viajar
Ao passado, ao futuro.
O tempo não existe,
A distância não existe.
Relativiza-se tudo.

Imensurável

Um amor
Que me invadisse assim
Como um bárbaro.
Que me cobrisse imenso, por completo,
E escondesse meus monstros,
Dragões.
Um amor Atlântico.

Um amor que desviasse navios,
Que saqueasse o coração,
Pirata.
Descobrisse novas e antigas ilhas.
Caribe, Pasárgada, Antilhas.

Um amor
Que ora fosse vidro,
Antártico.
Ora fosse fogo,
Magmático.
Um amor ora perdição
Ora Índico.

Um amor
Que ora me abocanhasse
Com ondas frenéticas
E ora me lambesse
Pacífico, Pacífico.

Dilaceramento

A mulher na cozinha

Cortando legumes...

Corta o anseio da paixão.

Resguarda a liberdade

No seu seio.

Num assédio corta o dedo...

Desassossego...

A mulher corta legumes,

Apesar do corte,

Apesar do medo.

Ópio

Nas manhãs,

Recordo de ti.

Recordo de ti

E de tua poesia

Verde

Alucinada como uma papoula.

Pedagógica

Aos meu alunos.

Todos os dias

Olho nos olhos

Dos meus alunos

E vejo uma fome

Imensa.

Não de saber,

Mas de alegria.

Dickinsoniana

Plantar a dor,

Semente em delírio.

Colher a poesia

Que floresce além do milharal

E das cercas...

Os Bichos

Para Pedro, meu filho

Pedro Leão
Tem um vozeirão.

Joaquim Elefante
É durão como diamante.

Zeca Borboleta
Adora as belas letras.

Raimundo Cotia
É fã de poesia.

Alfredo Unicórnio
Vê o mundo pelo telescópio.

Juca Dromedário
Jamais aprendeu o abecedário.

Augusta Canguru
Pariu todos eles.

Inocente canção da semeadura

Vai o beija-flor
Voar
Vai o beija-flor
Voar
Voa, beija-flor
Voa
Busca o mel do pomar.
Voa, meu amor
Vem cá
Voa, meu amor
Vem cá
Voa, meu amor
Voa...
No meu jardim vou plantar
Amor, semente amarga
Que nem a casca do juá.

Metamorfose

O que é uma borboleta?

Folha errante com ânsias de flor?

Flor que cansou da terra

e preferiu o ar?

Mensageira das paixões...

Seda amanteigada portadora de pólen?

Ignóbil lagarta presenteada com asas?

Pássaro mudo, instantâneo?

Metamorfose das metamorfoses?

Escultura

— Taturana,
Menino elementar,
Sonhava com um pijama de flanela
De bolinhas azuis –
Privilégio de vizinhos –
Os passarinhos eram abatidos
Por sua hábil pontaria.
Bebia peraltice,
Comia beiju de mandioca,
Pirão e mungunzá.
Estudava botânica nos matos,
Os calangos no cio!
Taturana,
Descobria o sexo nos barreiros,
Respirava meninice,
Embalava-se numa rede de caçuá.
Taturana
Nem era um querubim
Nem um curumim.
Era uma estátua de jardim
E amava uma menina chamada
Floriza.

Vitral

Mas que vidinha aparente!

Onde não sou o que sou

Nem o que queria ser: uma toupeira dormente?

Vidro transformado em água

Pela corrosão do tempo!

Esquecimento

Severina

Severa
Irônica
Ira
Quanto vida.

Ferina
Austera
Lacônica
Quanto morte.

Ser Severina é tão duro
Quanto a muralha que separa...

Severina
Severa mina de dor
Sábia
Sabiá
Sabia
Bia
Bia
Bia...

Transparente

As luzes de Paris
Me deixam tão febril
Como uma taça de vinho,
Cristal...
Transparente amor, transparente
Como as Rosas de Luxemburgo.
Oh, flores do Tibet!
Jasmins pra quem quiser.
Os oblíquos olhos da China
Me contemplam com paixão.
Transparente amor, transparente
Como as asas da ilusão.
Transparente amor, transparente
Como uma ofuscante paixão...
Gotículas de luz,
Orvalho sobre a flor...
O meu púbis é um pássaro negro
De escarlate esplendor.
Transparente amor, transparente
Como a concha que guarda a dor.

Flor do Agreste

A flor do agreste se despetala,

Torna-se sertão, caatinga, deserto.

Torna-se chão.

Traz o amor estéril como estigma.

À flor não contenta ser pétala.

A pétala pétrea se torna.

Árida, estéril, argêntea, petra!

Pétala com ares de flor.

A flor do agreste se despetala...

Torna-se sertão, caatinga, deserto.

Resseca e ainda chora.

Ser tão...

Passarada

Periquitos, rouxinóis

Aves cadentes

Asas-brancas, curiós

Aves dolentes

Passarinho passarão

Passa canário bem-te-vi

Passarinho passarás

Restará o cativeiro

Passarada passanada!

Quintaniana

O passarinho passou –

Plumas azuis e escarlates.

A janela estava aberta –

E bem em frente ramos de papoulas.

Pena que eu não estava lá

E anoiteceu.

Menina Feia

A menina feia na janela...
Tivesse asas, poderia voar.
A menina feia era bela,
Só não sabia se olhar.

Também não sabia que
"O condor quando se esconde
É para trocar penas, asas, garras...
Voltar forte... sereno."

A menina feia na janela...
Não consegue ver a um palmo
De seu coração.
Vê o mundo, vê o homem que passa,
Vê a poesia que passa.

A menina feia na janela...
Sua dor de vidro, menina bela,
É grande demais para o espelho.

Do lado de dentro

O amor não cabe no cotidiano
E sim na lágrima, na gotícula,
No abismo.

O amor não cabe no poema.
Ele é a metáfora, o véu, a ostra.
Tudo o que se acha e se perde,
Num mesmo instante!

O amor não cabe no papel
E sim na asa, no fogo, no vento...
Nas folhas exangues perdidas no ar.

O amor não cabe no vermelho do tijolo.
Cabe na desconstrução do verso,
Nas ruínas, nas ranhuras, nos sulcos do tempo.

O amor não cabe em si.
Ele é o outro, o próximo,
Aquele que mora do lado de dentro.

Meteoro

Me beija, me beija,
Amor.
Beija a boca dessa louca
Que te ama
E se não me completas,
Come chocolate, come chocolate –
No desespero de Pessoa.

Me decifra, me decifra
Amor
Abraça meu corpo ancho – cansado de enganos...
E se não me agradas
Calcula o teorema, o número pi,
A geometria indecifrável entre minhas pernas.

Me ama, me ama!
Apressadinho,
Sem simetrias, sem sincronias,
Nenhuma medida...
Que se danem Pitágoras,
Galileu, Pascal...

Me devora, me devora.
Importa a minha pequena morte,
Não os eclipses solares
Nem o universo em freqüência contínua.

Me invade, me invade
Antes que seja tarde –
Antes que a estrela, há pouco nascida,
Já seja cadente.

Caminhos de Mulher

A boca um coral
De beijos desabrochados.

Duas colinas de açúcar
Esperam ser sorvidas.

Os largos quadris
Estradas a serem desvendadas.

A negra savana
Esconde bem em seu meio
Uma alameda de vermelhos
Choupos...

Penélope

Aquela mulher,
Amargamente doce,
Tece poemas com a linha
Que a separa de seu amor.

Aquela mulher indócil
Alimenta com sua pena
A paixão perdida, exilada
No Será-fim.

Aquela mulher escreve poemas
Com a férvida garapa
Dos seus olhos.

Ah, aquela mulher!
Senta-se no miradouro distante...
Nau à deriva...distante.

Plumagem

Pies para que los quiero si tengo alas pa' volar
Frida Khalo

No campanário das Clarissas -
Os sinos, coração!!
São seis horas
E o sol deita vinho sobre as nuvens.
Os lusitanos olhos de anjo barroco
Espiam-me ao longe... atravessam o Atlântico.

No campanário das Clarissas
Fazem ninho os meus sonhos
E vôo até teus braços.
Esqueço as velas, o vento, a vida...

Se tenho asas é para voar.
Deus não deu asas somente aos pássaros!
Deu-as aos anjos, aos loucos, aos poetas.

Se tenho asas, esqueço os pés
E ponho minha cabeça
Nas nuvens –
Se tenho asas, posso ir a toda parte.
Posso juntar amor, engenho e arte.

Via-láctea

Ah, meu querido!
Vivemos em mundos tão diferentes!
Tu, um astronauta... Eu vivo no ar –
Enquanto falas sobre estrelas... Rumino poesia!

Enquanto pintas cristais cerúleos,
Faço a alquimia das letras –
Letras escarlates, amargas, sensuais...

Enquanto miras o céu... canto o Atlântico
E vêm comer em meus lábios o papa-arroz,
O beija-flor, o pintassilgo... pássaros...pássaros...
Todos de asas quebradas...

Enquanto vais ao balé... soletro palavras estranhas...
Os cisnes... as bailarinas... o poema que plana...
Enquanto calculas teus percursos,
Preparo o leite das crianças
Num desalento doloroso –
Querendo me afogar na Via-Láctea.

Três itinerários para uma só viajem

Um itinerário doloroso.
Perpassando destinos,
Resultando num encontro desencontrado
Numa tristeza alegre
Numa alegria descontente.

Um itinerário saudoso.
Dilacerando dias
Numa devastadora agonia...

Um itinerário gozoso,
Invadindo a vida.
Tornando-a ancha, repleta
Sem tantas feridas.

Covardia

Daqui a algum tempo

Sei que não mais gostarás de mim.

A carne flácida, a ruga, a cárie,

A frouxidão dos lábios,

A poeira do desejo...

O coração cheio de amor

E sem coragem de amar.

Lua Escondida

Dizes que não tenho tempo

Para ti.

Mas, que importa o tempo?

Tu tens meu coração,

Mesmo selvagem.

Tu possuis meu corpo

E todos os labirintos

Da minha alma.

Tens até o contratempo

Que determina o compasso

Da minha solidão.

Sabor de Ilusão

Da Amazônia a seiva

Viva

Derramada em folha, em flor,

Em rio.

Da caatinga a água invisível,

Transformada em poeira, em sangue,

Em desafio.

Do agreste a beleza

Melíflua

Perfumada de amor, de cio.

Da paixão o fogo

Corrosivo

Que dá à vida um sabor de ilusão

Desvario.

Quinzenário

Nosso amor é tão eterno!

Só dura vinte e um mil

E seiscentos minutos...

Será que errei os cálculos?

Sete vezes nada

Pela primeira vez a morte.

Perplexos os meninos a observam...

- Incrível!

Sob a chuva,

Sob o sol de abril –

Jaz o gatinho,

Sob os olhos dos meninos.

Disseram-lhes, certa vez, que gatos têm

Sete vidas.

Talvez, tenham se esquecido de multiplicá-las

Pelo nada...

Na vitrola o Jazz

E depois Sete Cantigas Para Voar...

Na verdade, quantas serão?

Leitura

A moça que lê notícias

Não é a mesma que derrama,

No poema, o cotidiano.

A moça que lê o poema

Não é a mesma que escreve,

Com o último pingo de leite,

Nos biscoitos,

O significado do prazer essencial –

Nem cream-cracker, nem água e sal.

Nacos de Amor

Ele não me suporta.

O seu amor pouco

O meu não comporta.

Toca violão, toma gim

E arruma numa canção

Os nacos de amor

Que não sente por mim.

Tear

Tecer a manhã...

Tecer cada fio de teu cabelo.

Tecer cada fio d'água que treme

Em teu colo.

Te - amar no – ar

Feito libélula transparente.

Construir o tecido do amor.

Tear a teia, a veia, o verso...

Unir cada fibra

De músculo, de linho, de algodão.

Seda, sedenta como bicho

Oriental.

Tecer os desalinhos da paixão

Emboscar desejos... solidão...

Fiar cada fio de sonho... Tecer a lágrima –

Enroscar os fios do sol

Tecer o crepúsculo

Banhando-se no mar.

Teorema

Pensar o poema:
O título, o tema, o lema.
Tecer o poema...
O zig-zag que voa,
A casa que não casa,
O time de botão.

Comer o poema:
A flor, a romã estragada, a verde pêra,
O teorema.

Parir o poema:
A dor, adorar a pena, adornar o berço...
O não, o sim, o "o" do poema.

Oferecer o poema:
A pétala, a pema, a gema.
Que pena!!
Fugiu o poema.

Pensar o poema...

Desejo

As mesmas estradas que levam ao nordeste
Levam a Katmandú Santiago Santafé.
Sertões Cerrados Desertos.
Áridos Arados
A ânsia que move montanhas
É a mesma que as destrói.

O cacto não inibe o fruto,
Irriga a alma.
O amor não suporta o olvido
E resseca como o roçado
Que não resiste à queimada

Do exercício amoroso

Esculpindo na carne o sentimento
Ruminado todos osdias nos fósseis sertanejos da dor,
Descobrir-se.

Gotejando no tempo,
A água corajosa da chuva,
Umedecer rendas, lendas, calendas,
Refazer-se.

Acendendo a ira, a fúria da alma,
Desprender-se,
E, depois da tempestade,
Amolecer na preguiça, na poeira cheirosa do cumaru.

Cantando uma canção moura,
Quilombola, crioula,
Fazer renascer flores
À margem, ao léu, à toa,
Sublimar-se.

Plantando o beijo da manhã
- Semente tântrica – na fruta odorífera das coxas,
Chupar a seiva, estudar da pele
A semântica,
Deixar o amor fluir em doses frouxas.

Consuelo

Senta-se

À margem do rio...

Sente-se

Uma porcaria...

Mas, quem sabe, um dia,

Não será a dona

Dos porcos?!!

Um amor me espera

Para Cora Coralina, que me deu o mote.

Um amor me espera
Livre – água de rio.
Feliz – asa de passarinho.

Com ele visitarei
Os milharais da alegria.
Os trigais da fertilidade.
Os canaviais da utopia.

Um amor me espera
No caldo amorado do desejo,
Nos tachos doce-amargos da poesia
E não será segredo
Nem agonia.

Festim

Teu cheiro em minha boca

Exalar de deuses.

Teu pulsar em minha boca

Revoar de pássaros.

Tua maciez em minha boca

Levitar de anjos.

Aromas, aromas a sussurrar...

Dualidade

No rio longelíneo deste amor,
Descubro-me oceano...
Feliz como água de bica.

E nas barragens que tolhem seu curso
A estagnação retilínea
Uniforme
Cavada pingo a pingo
Em seu leito.

Amor em tempo de madureza

Esse amor em tempo de madureza

Me deixou assim:

Nas nuvens

Passarinho

Querubim

Leve como alma de gato.

Viagem

Amar é doloroso...
Uma nau circundada
Por espessas nuvens de gozo.
Uma casa imensa com
Compartimentos cheios de ardências.

Amar é doloroso...
Com seus punhais azuis,
Seu beijos gozosos
E seus navios de sangue.

Amar é doloroso...
Seja no relâmpago dos instantes
Ou nas centúrias que possuem o tempo.

Repentino

Não digas

Que vais me fazer feliz.

Posso te mandar

Para os quintos...

Ou para o quarto.

Concerto Matinal

Quarto de pensão.
Despertam as plantinhas no jardim.
O penico, feliz, recebe
O calor da urina vespertina,
Faz canção.

A bica destila o orvalho em staccato.
O cacto na janela espreguiça-se verdimente.
Na colcha de retalhos sobre a cadeira
De balanço, num adagio assai,
Cochila um gato.

No corredor, ainda escurinho,
A poesia anda tonta
De tanta insônia, boceja morno.

Sobre um mosquiteiro azul
Descansam pernilongos,
Que zanzaram toda a noite,
Fazendo serenata.

No quarto número quatro
Ressona um operário das letras...
Sobre sua escrivaninha papéis de amor:

Uma canção, nove boleros, três blues –
O concerto para violino de Beethoven.
No banheiro, solfeja a água sobre o violoncelo.

A luz da manhã é inocente,
Bucólica,
Reconfortante como ovos fritos,
Pão fresco, leite e café quentes.

O ar se enche de barulhinhos
Silentes...
No rádio, baixinho, Três Apitos,
De Noel Rosa.

Cavalo de Ferro

O trem –

Serpêntico comboio prateado,

Tateia trilhos imaginários

Rumo à ilusão... faísca inusitada.

O trem –

Enferrujada jibóia,

Devora passageiros tristes –

Demonstra sua dor no sangue das bandeirolas...

Não quer chegar à estação nenhuma...

O trem –

Negro corcel – fumegante dragão –

Embrenha-se na noite, caçando o dia

Que naquele dia não amanheceu.

O trem –

Nem veneno, nem antídoto –

Solidão.

Sacerdócio

Sangue e suor
Dos dedos rolam.
T.S. Eliot era bancário.
Estornava-se da vida.
Não ligava... vivia.
Fazia poesia.

Sangue e lágrima
Dos olhos deságuam.
Manuel Bandeira era funcionário público.
Definhava a vida no bureau,
Burocratizava a vida.
Para viver, fazia poesia.

Sangue e sangue
No ventre circulam.
Emily Dickinson era solitária.
Não vivia, poesia.
Não se pode viver da poesia.
Não se pode viver sem poesia?

A Lenda de Manthuala

Para Manthuala Martins e Michel Mignot

Manthuala era uma índia Karajá.
Suas armas: melífluas palavras.
Palavras carinhosas, fortes...
Palavras cheias de luz...

Adoçavam, as suas palavras, a boca das crianças;
Aliviavam a dor de seus irmãos, eram coragem para os guerreiros,
Remédio para os doentes.

Os longos cabelos, negras cascatas,
Escorriam até à cintura.
Os olhos, rasgados, tinham pedaços de noite iluminados de urucum.
A boca uma flor dos rios.

Manthuala conhecia além das palavras,
Segredos da floresta,
Raízes, plantas, flores.
Seus caminhos e descaminhos,
Seus venenos e antídotos.

Todos a amavam.
Os de sua tribo e os povos de tribos vizinhas.
Manthuala e suas palavras -
Dom de consolar.

Por isso, também, era invejada
E odiada.
Como compreender alguém que havia nascido
Com gotas de mel na boca?

Diacuy, sua prima, sempre estava a espreitá-la...
Seguindo-a onde quer que fosse -
Não a amava -
Queria aprender suas palavras...
O segredo delas... de onde elas vinham...
Certa manhã,
Pediu para acompanhar Manthuala
Na coleta de raízes e ervas.
E foram as duas mata adentro...

Findo o trabalho, sentaram-se
Para uma pequena refeição.
Foi então que Diacuy ofereceu
Uma beberagem a Manthuala,
Dizendo ser refresco...

Manthuala sorveu a poção, sem nada desconfiar -
Pouco tempo depois, a bela índia Karajá,

Das palavras de brisa -
Adormeceria para sempre.

Diacuy logo tratou de cortar a língua de Manthuala.
Assim, poderia se apoderar de suas palavras,
Porém, nada encontraria.

Diacuy não entendia,
Que as palavras de Manthuala
Vinham do fundo de sua alma e que
Nada nem ninguém poderiam roubá-las.
Diacuy, ensandecida, atirou-se no rio
E deixou-se afogar.

Tupã, comovido, criou os pássaros
E deu a cada um deles
Um pouco das palavras de Manthuala.
Dessa forma, ela continuaria a acariciar
A alma dos povos da floresta.

Do repertório dos enamorados

Meu pirilampo da meia-noite.
Diz, minha chuva enluarada,
Mão de furiosa carícia,
Minha flor, meu bogari.

Meu amor desengonçado,
Magrelinho, inusitado,
Perdição da minha vida.

Meu manjar, meu quindim, meu meninin...
Meu abominável homem das delícias.

Meu jambo maduro.
Meu amadinho,
Meu olhar de colméia.

Meu olhinho de gato,
Meu sorriso de marfim.
Minha pele de caju,
Nego-bom, alfinim.

Meu cretininho, meu poeta.

Minha poesia concreta...
Minha nuvem, meu anzol.
Meu púbis de sol.

Minha semente, polpa, casca,
Seiva, néctar...
Fruta madura, tão temporã.
Minha amora, minha romã.
Minha comidinha predileta.

Harmonia

Peixe com curry

Cabelos soltos

Banana com mel

Amor maduro.

Ônibus de Subúrbio

Meninos com cheiro de lata.
Uma velhinha leva alguns galhos de crótons
Trazidos, talvez, da casa de algum parente,
Onde foi para o almoço de domingo.
A moçoila, de olhar inocente, usa pó de arroz
E batom cor-de-rosa.
Outra olha tudo com volúpia de moça nova.
Uns alegres, outros tristes.
No final, todos tristes,
Porque o ônibus é triste.
É triste como a sonolência do velho
Que está ao meu lado.
Como o silêncio da tartaruga dentro do saco de papel.
Uns se encharcam de perfume barato,
Outros nem isso...
Para onde vai tanta gente todo domingo?
Do lado de fora, os jambos amadurecem
Indiferentes a tudo.
No domingo, tudo é extremamente frugal.

Estações do Amor

Azul –
Azulão, azul, azula
Sobre lagos, ares, céus.
Voa, voam... deságuam.

Verde –
Espigas, pecíolos, vagens, folhas
Vertem vida, viço... verve...
Luz nas florestas...

Vermelha –
Vulvas, vinhas, vesúvios
Explodem magmáticas sensações.

Amarela –
Pétalas, pérolas, pêndulos
Despetalam-se, caem, envelhecem...

Transparente –
Prismáticos espelhos
Cristalinos vértices,
Vitrais... metálicos vórtices
Argêntea flor –

Amarela
Amarelam

Do amor profano um quase soneto

"O todo sem a parte não é todo"
Gregório de Matos

Muitas vezes somos o todo
E de repente nos tornamos parte
O amor é uma arte
Que só com a parte não se faz todo.

Mas, se tantas vezes, deixamo-nos parte
É porque teme-se o todo
Que quando toca, arde
E quando fere, sente-se que é todo.

Beijamo-nos parte por parte
Pois, cortando-se esse amor em partes todo
Sabe-se que para ser todo, antes parte.

E como sabemos que sempre não o teremos todo,
Vivemos juntando uma parte à outra parte
Para que um dia morra a parte, mas não o todo.

Lendária

A linda gazela
Deita sobre os pêlos do Pégaso.
Pégaso sem nuvem...
Tão barro e sol
Que chega a ser homem.
Sonha com asas,
Asas de opala...
Não queria que fosse homem, mas Pégaso...
Não queria que a amasse,
Apenas a tocasse com carinho.
Com o carinho de um deus,
Com a maciez, a suavidade e a sutileza
De um deus.
O Pégaso, porém, é homem.
Tão barro e sol
Que afugenta o Pégaso
E se embebeda de amor e gozo –
E logo perde o encanto.
Solta na escuridão, a gazela perde a leveza.
Tonta,
Amarra seu amor na cancela
E dorme...

Nutritiva

A abelha profana

O sexo das flores.

Fecunda-as,

Levando o pólen germinal

Em suas patas.

Enquanto isso,

O colibri suga o mel

Da vulva das maçãs.

Beija-flor

Beijando a vulva das flores

O colibri se agita em sua mudez.

Esquece-se das asas, do frenesi das notas,

Da impossibilidade da música.

Colibri, ave muda,

Leva o orgasmo em seu bico

De manso, de manso...

Leve, leve, leve...

Aqui e ali...

Colibri, ave musa

Do amor cálido, calado.

No vôo das asas,

No vôo das flores

Não há espaço.

Um espaço há –

O espaço ar

Onírico

Invisível

Ingênuo cortesão do gozo.

Herança

Para Zequinha

Naquele dia,
Presenteou-me com suas
Estampas Eucalol.
No outro, viajou
Nas asas azuis da fantasia.

Conversa de Criança

_ Quantos dentes moles você tem?
_ Ahh, já tenho dois! Esses aqui, ó!!

Quando estamos juntos

Quando estamos juntos
Mergulhamos em lagos agrestes
E mornos.
Pluviométricos beijos,
Infinita cascata de gozo.

Quando diz que me ama,
Num ardente discurso,
Quase mudo...
Petrifico-me diante de tudo.

Depois, viro água, alga,
Orvalho, nuvem.
Viro ainda argila, areia,
Terra, onde se implantam frutas...
Jambos, jambos, jambos, muitos jambos.

Quando estamos juntos,

Fazemos corar gerânios...
E quando separados,
Que engraçado,
Contamos, lunáticos, grãos,
Caleidoscópios, estrelas...
Areias do deserto.
Colecionamos vazios.

Un Clavel Rojo

Un clavel rojo
Para ti.
Para que no tengas
Duda de mi amor.

Um clavel rojo!
Prueba de mi amistad
Y dulce amor.

Voy a luchar
En una guerra sin
Sangre...

Y por eso
No te daré rosas
Pues tienen espinas...

Soy tu *farfalla*
Amarilla
Por eso traigo
Un clavel rojo
Para ti!

Epístola

Um poema para ti
Forjado na pedra coruscante
Da paixão
Com hieróglifos e ideogramas.

Um poema para ti
Na língua dos anjos...
Um poema rupestre, cuneiforme.
Enternecido na água do gozo
E embrutecido na lava
Da distância.

Um poema para ti
Pichado nos muros da alma,
Onde só os poetas podem ver.
Um poema velado, invisível...

Um poema para ti
Escondido em papiros,
Palimpsestos...
Oculto na fúria
Do desejo.

Um poema para ti
Envolto em pergaminho,
Puro linho, linha do tempo,
Fio da vida...

Um poema cheio de volutas,
Vôos... lutas...
Volúvel... volátil... vulnerável...

Um poema para ti
Arrancado das entranhas...
Uma epístola para ser exposta
Na esquina do mundo.

Bilhete

Bom dia, amor!
Deixei alguns pássaros do paraíso no
vaso sobre tua mesa de trabalho.
São lindos
e são meu presente pelas
nossas bodas.

A tua roupa suja, coloquei na máquina...
Cada peça tinha teu cheiro, tua presença,
A marca do suor que derramamos
Em nossa lã.

Cortei o melão e fiz hóstias de maçãs
E deixei-as num prato coberto sobre
A mesa da cozinha.
Café e leite em tua caneca
De bolinhas verdes... a preferida!

Depois do banho, não te esqueças
De pôr a cueca e as meias sujas
No cesto...
Cortarei tuas unhas
E os pêlos que insistem em sair
Pela gola da camisa,
Quando formos tomar banho à noite.

E ainda beberemos leite antes de deitar.
Faremos amor como nunca fizemos antes
E dormiremos tão felizes!
Tuas coxas entre as minhas, teu respirar
Na minha nuca.

Amanhã,
Te escreverei um poema,
Pois hoje, ainda temos muito
O que sonhar!

Amor de Perdição

Fiz-me bonita para ti.
Usei o vestido de algodão –
Aquele que gruda em minhas ancas –
E as sandálias altas que me deixam
Os pés nus.

Fiz-me amante,
Pudica, alucinada...
E me fazias ancha, completa,
Amada.

Fiz-me terna –
Batom bem vermelho como gosto –
Flor na alma...
Deitava em teu ombro
E a cama ficava ampla...
Uma galáxia.

Fiz-me feliz,
E boba procurei pequenos milagres...
Pequenos frutos doces e dilacerados...
Pequenas gotas de orvalho
Para não te perder
E perdi.

Amor de Salvação

Você é uma alameda
De jambos maduros.
Um jardim de vesúvios
Gerânios!

Precisa saber que perder-se e
Encontrar-se fazem parte
Das lições de amar.

Precisa saber que os que amam
Erram, acertam, apagam,
Rabiscam, escrevem e reescrevem,
Por dias, semanas, anos, milênios,
Estratégias para amar.

Precisa saber, ainda, que
Não se pode esconder o amor sob
Pedras.
No mínimo, escreve-se nelas seu nome.

Você é voz, é música.
Paz na noite
E a cor que têm as manhãs
Quando se está amando.

Euterpe

"Não sei quem dedilha melhor as cordas da vida:
Se a música ou a poesia"
Carlos Herriot

Para Priscila Holanda

Euterpe teima...e

Dos rosais queimados
Rescindem perfumes

Da muda guitarra
O dedilhado tolhido vagueia

Poema desperta...
Voa sobre amores...

A cigarra está muda
Mas, sua alma ainda canta!!

Certeza

O milho tão verdinho...
Emaranham-se as galinhas-de-melão
Pelas cercas.
Tudo é verde, cheiro de chuva
Neste agreste distante.
Meu peito,
Uma fagulha
Ensangüentada...

Não vou chorar.
A lágrima é brasa...
Tormento.

Não vou mais escrever.
Pingos de chuva,
Por si, são
Poesia.

Campo D'Angola

Lá no campo d'Angola
Ombros largos, quadris
Gingando água
Há uma morena campesina,
Quilombola!
Requebra em mim, requebra.
Requebra em mim, requebra.
Requebra em mim, requebra.
Vem, faceira morena!

Lá no campo d'Angola.
Vi uma morena jogando
Cavalaria, Iuna, Banguela.
Requebra, minha bela.
Requebra, minha bela.
Requebra, minha bela.
Vem, sestrosa moleca.

Lá no campo d'Angola
Coxas grossas, febris...
Há uma morena,

Feiticeira aprendiz.
Esse encanto não quebra.
Requebra em mim, requebra.
Requebra, minha bela.
Vem, moleca morena!

Quadrilha

Aqui é São João
O que será aí
No teu coração?

Aqui é solidão.
Vento, céu:
Destino de balão.

Aqui é lassidão.
O que será de mim
Se sinto a falta de tua mão?

Aqui é o meu baião.
O que será sem ti
Do estribilho desta canção?

Todas as suas traduções

O resto da vida

Te dou

E também a vida inteira

Com suas nuvens, chuvas, caracóis.

O prazer, eu te dou

Com todos os seus novêlos,

Gemidos, afetos...

Te dou ainda o segredo

Embebido em doces fragrâncias,

A ostra, o abismo.

Te dou o amor...

A carícia e seus dialetos

Te dou a língua

E todas as suas traduções.

Distâncias

Amo os milênios
Que nos separaram
E tua pele causticada
Pela fúria do estio.

Amo tua fala,
Teus pêlos em plumas
E os riscos de lua
Que adornam tua cabeleira.

Amo o mel queimado
Dos teus olhos
E a força do teu braço
Tentando espantar o tempo.

Amo as distâncias ásperas
Que nos rodeiam
E a esperança dolorosa
De atravessarmos - camelos
ruminando dunas -
A aridez solitária da saudade.

Engano

Manhã nublada de domingo.
Olhar ausente... possibilidades.
Sins... nãos... sins... nãos...
Ruidosos... silentes...

Generosos pedaços de alma
Escorrem, perdem-se, e,
No engano do predador,
A defesa milagrosa da
Presa.

Teimosia

Meu bem amado!
Não te deixes refém
De ti mesmo...
Não desiste.

Abre a janela...
Vê - a primavera
Sempre insiste.

Bi(lingüe) Holiday

Para o poeta Hildeberto B. Filho

Na tua voz, negra!
Os gatos fazem amor.
Na tua voz negra
A felina dor.

In your black voice
The cats make love
In your voice, Billie,
Are all pains.

Little Billie
What a deep voice,
What a good sadness!!
Blue lady, sorry,
But I also have
A heartache.

À Deriva

"O coração do meu homem é um rochedo"
Hildeberto B. Filho

Meu homem das delícias!
Em teus braços esqueci
Os astrolábios, as aulas de cartografia,
Os caminhos para as Índias.

Não há mais caravelas, navios,
Só as vagas que me levam
Ao teu ombro
E às velas perdidas em teu coração de sal.

Ainda sinto tua mão macia
Navegando meus contornos...
A corrente marítima precipitando-se
Em gozo fluvial...

Meu homem das delícias!
Em que rochas se perdeu o mapa
Que risquei para nossas navegações?
Em que ilha naufragou o amor
Que tinhas por mim?

Serra da Borborema

Quando dezembro chegar
Os ipês ficarão roxos
De saudade.
O flamboyant do quintal
Sangrará...

Me danarei a fazer ginástica...
Muita ginástica...
Para suportar esse dilaceramento.

Depois, nada mais restará
Do amor que vivemos.
A não ser aquela lágrima
Furtiva, escondida
Sob a Serra da Borborema.

Paraíba

Para Carlos Herriot

Quase tudo é pedra e desolação
Na terra onde o sol
Crepita.
Mas, nas grutas habitam segredos,
O silêncio...
Um explodir tímido e grandioso de vida.
Um destilar contínuo de favos.

Poema de Natal

Acácias em flor saúdam a vida,

Apesar do rebuliço da cidade.

Nas serras da Borborema, os ipês

Roxos, brancos e amarelos

Sorriem na esperança de dias melhores!

Poema de Libertação

As pedras que querem
Se encontrar
Arranjam um pretexto, algum dia.
Desprendem-se de outras pedras
E rolam vida abaixo...
Desprendem-se da rocha
E vêm dar na enseada
As pedras que querem se encontrar
Fossilizam-se e esperam... milhões de anos.
E um dia, então, frente a frente, despedaçadas,
Porém, inteiras, verão a face do amor
Esculpida em suas faces.
Inventam seixos, meteoritos, chuva de granizo...
Só para poderem se encontrar...
Adormecem no neolítico amor e, depois,
Acordadas, lamentam não terem tentado...
Pois as pedras que querem se encontrar
Viram ave, asa, ar...
Viram magma, gelo, água, correnteza...
Inventam uma comarca de pedras
Com casas amarelas e pomares.
Inventam serras, grutas, cavernas...
Inventam uma caligrafia que só pode ser
Escrita nas pedras do coração...
Inventam um poema de libertação.

Travel

Para Fábio Dantas

In the blue sky
The airplain
In my mouth
The blues in vain

Along the mountain
A lonely train
Inside my heart
All is pain.

O Homem Maduro

Este homem maduro,
Que agora, me aparece,
Me faz vulcão,
Quando sua mão
Aperta minha bunda...

É lindo este homem maduro!
Seus olhos desesperados –
De uma desesperança que
Ainda crê...
Faz-me ver tudo em azul...

Astronauta, argonauta, agonauta...
Ahhh, esse homem maduro –
Sério, imenso, erectus.
Entra em mim e
Me desfaço – mil pedaços –
Estilhaços...

Este homem maduro
Leva-me ao pecado, ao degredo –
Ostracismo.
Vem, fecha a porta do mundo.

Ahhh, este homem maduro –
Lágrima no meu peito
Deserto –
Nota, acorde – plena música...
Não me deixes...

Milagre

Cuidei em fechar as comportas,
Criar barragens, circundar-me de fossos...
E, mesmo assim, o amor
Me invadiu.

Cuidei em ter, apenas, uma porta
Que fosse chegada e partida...
E, mesmo assim, o amor
Inundou minhas planícies e planaltos!

Cuidei em erguer muralhas,
Torres, fortes...
E lá estava o amor
A me espreitar.

Quanto mais fujo,
Mais ele me enlaça...
Quanto mais me escondo,
Mais ele me acha...

Eu que sempre preferi
Os punhais às plumas –
Agora, vejo-me obrigada a transformar
Rochas em vinho!

Farewell

Amor aprisionado...
Nunca mais caminhos
Pontilhados de borboletas
E jasmins em flor.

Amor amordaçado...
Nunca mais canções,
Cantares,
Beijos cantarolados.

Amor condenado...
Nunca mais mãos entrelaçadas,
Nunca mais o riso,
O cheiro da boca
Perfumando o ar.

Estilingue

Desfeito o ninho
Asas quebradas

Desfeito o ninho
Plumas ensangüentadas

Desfeito o ninho
Pássaro emudecido

Desfeito o ninho
Amor abatido

Escaninhos

Perdoa-me, se te amo ainda.

É que esqueci as lições de esquecer.

Deixe-as nos escaninhos do passado.

Em Segredo

"O verdadeiro amor é vão."
Gilberto Gil

Guardarei dentro de mim
Todas as canções que não fizemos.
E todo o amor que não pudemos viver.

Tudo será passado daqui a um minuto...
Em um segundo, o que escrevo será passado.
Contudo, este amor permanecerá na página
De algum livro
Como aquela flor que me deste e
Escondi entre os versos de Florbela.

(Guardarei este amor nascido de explosões
Estelares, de loucuras várias
Na dor de Billie Holiday, nas cordas de Nina
Simone)

Louca,
Quis compartilhar o pão, a poesia,
As pedras do caminho...
Partiste!

Tecerei um estandarte de lembranças
E o estenderei nos muros da cidade.
Serás meu amuleto
Cunhado no orvalho da madrugada.

Calendas

Para Célia Magalhães

Não nos foi dado nenhum tempo.
Chega, então, desse sofrer diário,
Dessa ânsia pela eternidade!

Amantes não se contentam
Com fusos horários...
Estão sempre desligados,
Deitados em alguma nuvem.
Pousados em algum poste.

Amantes são totalmente insanos...
Adoram anacronias, anacronismos...
Anáguas, meias, filmes em preto
E branco...

É que o tempo do amor
Tem outra contagem –
Não está no calendário!

Arribação

"Te ter e ter que esquecer
É insuportável, é dor incrível."
Skank

Tão perto, tão longe...
Mal chegou
E já era hora de partir.
Arrumar as malas,
Desfazer e refazer
Os nós.

Tão perto, tão longe.
Bem chegou
E não podia ficar.
Dor dor dor dor dor
De amar
E não poder amar.

Mito

Para Anayde Beiriz

Como uma pétala flutuante, atravessa
O largo da Matriz
Em seu vestido lápis-lazúli...

Dar-se-á, completa, à poesia,
À beleza, ao amor...
Não importa seja ele torto.

E, entre os lençóis –
Abraços diáfanos, gemidos suaves,
Os beijos molhados... dados com ardor.

Põe seus olhos macios sobre o amante,
Acaricia-o assim...
E cangaceira, tenta extirpar a dor
Com a lâmina doce da poesia.

Morena e linda –
A ensinar homens do mar
A pescar letras, criar sonhos.

Pétala pétrea –
O veneno na boca ainda em flor –
Corrói, maldito, as entranhas...
Os olhos dormentes a agonizar.

A pantera abatida, jaz no leito.
Escreve, assim, com a morte,
Seu último poema inaudito.

Adeus

Para José Pereira,
meu avô.

- Sinhá, Fidélia!
- Sim, vôzinho?
- Não deixe a luz se apagar...
- Não, não deixarei...

Plumagem II

Dá-me tuas mãos -
E jamais sairei de perto de ti.
Ficarei afeito à tua plumagem
Seja inverno... seja verão.

Dá-me tuas asas -
Viajarei pelos campos
E ainda assim ficarei cativo de ti
Faça chuva... faça sol...

Dá-me tuas asas -
Deitarei nas nuvens,
Afagarei as barbas de Deus
E, ainda, assim serei teu escravo
Seja noite... seja dia...

Milky Way

Oh, dear –
We live in different worlds.
You're a spaceman
I live in the air.
While you think about stars –
I live my poetry.
While you paint heavenly crystals
I make the alchemy of letters –
Scarlet letters, bitter letters, sensual letters...
While I sing the Atlantic Blues
You're Azure Atlantis.

Hummin-bird, bobolink - free bird.
While you're in space clothes,
I wear a black veil...
While you go to ballet,
I spell strange words
And prepare the milk for the children
In a desire to lose me
In the Milky Way...

Ginástica do bem viver

Mágoas, nunca hei de guardar.
Se muito um naco de pão para a manhã seguinte.

Amor, nunca hei de guardar.
Semeá-lo-ei pelos campos áridos, pelos rios perdidos,
Pelos rochedos irrecuperáveis.

Dinheiro, nunca hei de guardar.
Rasgá-lo-ei...
Beberei vinho, comerei frutas, lerei livros,
Devorarei músicas.

Trabalho, não...
Praticarei o ócio criativo que se aplica
Aos poemas, aos doces, à música.
Aos mosaicos de Xênia Hiluey.

Egoísmo, nunca hei de guardar.
No mínimo, uma mesa farta
Para compartilhar com os amigos.

Solidão, nunca hei de cultivar.

Plantarei violetas, cravinas, silhuetas de plantas
Reveladas sobre a relva, a ~~ver~~melha boca dos gerânios,
Regarei os jardins de Clóvis Morais.

Sonhos, nunca hei de guardar.
No mínimo, olharei a vida através
Da poesia dos óculos de Valécio Irineu.

Música, nunca hei de guardar.
Adubarei as partituras, letras, e
Toda a dimensão criativa
De Edvaldo Cabral e Sinédei Moura.

Paixão, nunca hei de guardar.
No mínimo, hei de tatuá-la no peito prateado
Do meu amor.

Riquezas, nunca hei de guardar.
No mínimo, os palácios de estalactites,
Os alvos picos do Himalaia,
As feridas do Grand Canyon,
O curso suave do rio Arno,
A bravura de Betânia.
O sorriso imaculado de Pedro e Gustavo.

Gráfica Universitária UEPB

Este livro foi impresso pela Gráfica Universitária da UEPB.
Utilizou-se papel apergaminhado 75gm para o miolo e papel
Cartão Suplema 250 gm para a capa em monocromia e plástificada.
Julho/2009